

O BIBLIOTECÁRIO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O MÉTODO ESTRUTURALISTA

Paula Pinheiro da Nóbrega

Mestra em Ciência da Informação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.
ppnjc@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8210-0296>

Andréa Soares Rocha da Silva

Doutora em Educação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.
andreasr07@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5584-7071>

Gabriela Belmont de Farias

Doutora em Ciência da Informação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.
gabibfarias@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

Priscila Barros David

Doutora em Educação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.
priscila@virtual.ufc.br
<https://orcid.org/0000-0003-3509-1355>

RESUMO

A Educação a Distância vem crescendo cada vez mais e vários profissionais estão engajados na área, dentre eles destaca-se o bibliotecário, o qual dispõe de competências que podem contribuir para a modalidade. O método estruturalista, a partir da visão dos seus precursores, Saussure e Lévi-Strauss, apresenta enfoques referentes à Semântica e à Antropologia. O presente artigo busca refletir e nortear, do ponto de vista teórico, as contribuições do estruturalismo à atuação do bibliotecário no ambiente da educação a distância. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e exploratória, com abordagem qualitativa, buscando por meio da literatura, um despertar para as relações importantes que o método em questão pode contribuir no que tange às ações do bibliotecário, desde a aspectos documentais, como a *web* semântica, até análises sobre a satisfação dos usuários quanto aos serviços prestados.

Palavras-chave: Atuação Bibliotecária. Ambiente Virtual. Educação a Distância. Estruturalismo.

THE LIBRARY IN DISTANCE EDUCATION AND THE STRUCTURALISTIC METHOD

ABSTRACT

Distance Education has been growing more and more and several professionals are engaged in the area, among which stands out the librarian, who has skills that can contribute to the modality. The structuralist method, from the perspective of its precursors, Saussure and Lévi-Strauss, presents approaches related to Semantics and Anthropology. This article seeks to reflect and guide, from a theoretical point of view, the contributions of structuralism to the performance of the librarian in the distance education environment. This is a bibliographic and exploratory research, with a qualitative approach, seeking through the literature, an awakening to the important relationships that the method in question can contribute with respect to the actions of the librarian, from documentary aspects, such as the semantic web, even analyzes on users' satisfaction with the services provided.

Keywords: Librarian Performance. Virtual Environment. Distance Education. Structuralism.

Recebido em: 22/05/2020

Aceito em: 31/08/2020

Publicado em: 31/12/2020

1 INTRODUÇÃO

A tendência em Educação, no mundo inteiro, sinaliza para os estudos a distância, e os motivos são diversos, a exemplo do gerenciamento do tempo, distanciamento geográfico, isolamento social, este acarretado pela pandemia do *coronavírus*, ainda, a flexibilidade, e até dificuldades enfrentadas para formação em diversos momentos da vida.

A Educação a Distância (EaD) concede acesso ao saber a indivíduos que queiram adquirir conhecimento e, claro, aos que podem usufruir dessa modalidade, pois nem todos têm acesso à Internet, como exemplo disso, na presente época em que a covid-19 assola o planeta, ainda são vistos casos de pessoas que não dispõem de condições financeiras ou têm dificuldades para estarem conectadas à referida rede. De acordo com informações divulgadas pelo *site* de notícias da Organização das Nações Unidas (2020):

A crise global causada pela pandemia de Covid-19 tem levado a enormes desafios em outras áreas incluindo a da educação. Em comunicado, o Fundo das Nações Unidas para a Infância afirma que a falta de acesso à internet está gerando uma crise profunda na educação global com quase 1,2 bilhão de crianças afetadas pelo fechamento das escolas. Em pelo menos 71 países, menos da metade da população está ligada à rede mundial de computadores. As desigualdades no acesso às tecnologias de informação impedem [...] que os alunos possam continuar os estudos.

Retomando às facilidades da Internet, o acesso à educação é realizado em qualquer localidade, ainda que não existam universidades na região. Contudo, é importante ressaltar que estudar a distância não é sinônimo de autodidatismo ou de autoformação, muito pelo contrário, no caso do ensino formal, a EAD exige uma ligação direta com uma organização de ensino.

A EAD, embora tenha sua gênese nos cursos por correspondência postos em prática na Inglaterra, em 1840, e posteriormente disseminados pelo mundo todo, obteve seu grande alcance com a invenção do rádio e, na sociedade contemporânea da segunda metade do século XX, a partir do surgimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Com o alcance gerado pela TDIC, a EAD é estruturada não somente por profissionais da Pedagogia, mas também por outros profissionais que estão envolvidos com esse tipo de formação, destacando-se entre eles, os bibliotecários.

A atuação do bibliotecário na EAD pode efetivar-se por meio de ações de educador-documentalista ou tendo uma atuação mais pragmática, trabalhando a representação, organização e mediação da informação, bem como a orientação quanto ao uso das fontes de informação, normalização de trabalhos acadêmicos, construção de arquitetura da informação nos ambientes de EAD, elaboração de ontologias, somente para citar alguns exemplos. Diante dessas observações, questiona-se: quais são as contribuições do estruturalismo à compreensão da atuação do bibliotecário no ambiente EAD? O objetivo é refletir, do ponto de vista teórico, sobre as contribuições do estruturalismo para a compreensão da atuação do bibliotecário no ambiente EAD.

A abordagem é qualitativa e baseou-se nos estudos dos teóricos específicos. Quanto aos instrumentos, foram lidos livros, artigos científicos, documentos da Internet para embasar a pesquisa.

Para auxiliar a compreensão concernente à atuação do bibliotecário em EAD, foi adotado o método estruturalista.

2 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

A Educação é um processo presente na vida de um sujeito desde o seu nascimento e precisa ser continuada, porque o mundo sempre está em constantes transformações. Em sua trajetória, o homem sempre busca conhecer.

Percorrendo um pouco na história da Educação, em nível mundial, a Grécia foi quem iniciou as contribuições para a área. A Filosofia, precipuamente, contou com Sócrates, Aristóteles e Platão. Enquanto na cidade de Esparta a Educação era manipulada e servia ao estado. Sócrates não concordava em educar um indivíduo isoladamente, e foi pioneiro em valorizar a Educação para todos. Percebe-se, com isso, a preocupação com a coletividade, com o social. Sócrates criou o método pedagógico do diálogo. Já na Itália, foi implantado o primeiro sistema de educação estadual. (PALMA FILHO, 20--).

No tocante ao Brasil, a história da Educação, segundo Gadotti (20--), perpassa por três períodos, desde a chamada educação tradicional datada de 1930 a 1964, percorrendo pela dita escola nova, a qual rompe com a educação tradicional. Na ocasião, trouxe outros métodos com foco em educar crianças e isso ocorreu a partir de conflitos entre escolas privadas e públicas, até chegar ao período pós-64, fase em que governos militares estiveram à frente do país e o tecnicismo imperou. Desse período até 1985, o Congresso Nacional esteve fechado, ocasionando déficits para a área da Educação. Em 1985, com uma suposta democratização da Educação, esperou-se mudança, mas isso não aconteceu. Apenas no ano de 1988, com a promulgação da Constituição da República, é que iniciaram algumas conquistas no campo educacional, culminando com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996.

No que diz respeito à conceituação de Educação, existem múltiplas opiniões, mas a de Paulo Freire, sem dúvida, até os dias atuais, é vanguardista, libertária, porque o autor faz refletir sobre a relevância do educando construir o conhecimento, participando ativamente.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p.15).

A história da Educação está marcada pela adoção de métodos para facilitar o aprendizado, e a tecnologia sempre foi uma aliada, desde os seus rudimentos, mesmo de modo mais modesto, como o simples uso de uma lousa para transmitir o conteúdo ou até mesmo anos depois com a adesão da televisão e outras mídias. Contudo, na contemporaneidade, as tecnologias estão bem avançadas e, cada vez mais, surgem novas mídias e aplicativos. Por isso é urgente que se acompanhe essa evolução.

Com a “explosão” da informação e também ao surgir a sociedade do conhecimento, após a segunda guerra mundial, emergiram invenções relevantes à humanidade, e uma delas foi a Internet, que provocou mudanças rápidas e ainda continua suscitando transformações na sociedade. Por isso, a atualização quanto ao uso de tecnologias na Educação é primordial.

Infere-se que, atualmente, é quase impossível viver sem algum tipo de tecnologia e, ainda, os países para melhorarem suas condições sociais, políticas, econômicas, educacionais e para que possam proporcionar equidade social, precisam usar tecnologias nos mais diferentes segmentos. Então, o campo educacional, mesmo com algumas resistências, está ciente de que não pode ficar ultrapassado diante do contexto em questão. Brandalise (2019, p.4) confirma a assertiva:

A cultura digital, como qualquer outro tipo de cultura, é uma construção humana, resultados de transformações tecnológicas e mudanças sociais. [...] Diante desses avanços tecnológicos, há um forte movimento para a disseminação da cultura digital na sociedade atualmente e, por consequência, na educação, fazendo com que se reflita sobre as práticas pedagógicas e a qualidade do processo de ensino e de aprendizagem realizado nas escolas.

Portanto, com as novas exigências que o século XXI impõe e com o apoio concedido pelas tecnologias, surgem outras oportunidades na Educação, e uma das formas para incentivar os estudos é aprender a distância.

3 A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A Educação a Distância (EAD), ao contrário do que muitos imaginam, não é tão recente, pois antes mesmo do surgimento do computador e da Internet, havia outras maneiras de desenvolver e disseminar conteúdos de aulas às pessoas que estavam interessadas em estudar e não dispunham de tempo para estar em um ambiente tradicional de sala de aula.

Há menções de que a EAD iniciou ofertando cursos por correspondência e em relação a esse fato, Vidal e Maia (2010, p.13) afirmam:

Registros de 1856 relatam experiências pioneiras de educação à distância, quando Charles Toussaint e Gustav Langenscheit criam a primeira escola de línguas por correspondência. Já em 1892, é feita uma tentativa inicial de formação de professores para as escolas paroquiais por correspondência, curso oferecido pela Universidade de Chicago. Neste mesmo período, outras experiências foram desenvolvidas em vários países, sempre tendo no material impresso, o meio de difusão, por excelência.

Posteriormente, outras mídias começaram a ser utilizadas. Em 1928, ao trabalhar com a educação de adultos, o rádio foi introduzido pela BBC como um recurso importante e de maior alcance, estendendo-se, também, ao Brasil. (WAGNER, 2012).

Entretanto, depois da segunda guerra, as tecnologias apresentaram um grande desenvolvimento. As pessoas começaram a buscar mais capacitações. A partir das mudanças geradas pós-guerra, de acordo com Litto e Formiga (2009), a EAD deu um “salto” de qualidade e, então, nos anos da década de 1970 surgiram os primeiros modelos dessa transformação, com destaque para a *Open University*, da Inglaterra, perfazendo um total de 160 mil alunos regulares.

Na contemporaneidade, a EAD pode ser vista como:

[...] um importante meio de acesso à formação acadêmica em um país onde tal qualificação representa melhores oportunidades profissionais e pessoais. Para isso, o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem em que professores e estudantes estão em diferentes tempos e espaços foi se ampliando com a progressiva acessibilidade às tecnologias conectadas via internet. Ao serem incorporadas às práticas educativas a distância, elas permitiram a criação da sala de aula online – ambiente flexível, interativo e descentralizado. (FRANCO; CARMO, 2020, p.117).

E para que o ambiente supracitado torne-se propício à geração da aprendizagem dinâmica e eficiente, faz-se necessária a mediação em EAD, a qual acontece por meio

da interação e da interatividade. A interatividade diz respeito à relação do homem com a máquina, já a interação está ligada às relações humanas, à empatia. (BEM; SCHUELTER; CRUZ, 20--).

3.1 Ambientes Virtuais

Essas relações contribuem para o acesso eficiente dos participantes aos ambientes virtuais, no sentido de trocar e construir conhecimentos de modo colaborativo. Sobre isso, Coelho e Tedesco (2017, p.611, 613) afirmam que:

O ambiente virtual de aprendizagem (AVA) é a parte mais visível de todo o arcabouço tecnológico utilizado para dar suporte à realização da EAD. É por meio dele que são disponibilizados os conteúdos dos cursos e são promovidas as interações entre os participantes. [...] Ao ser definida como um processo interativo, a aprendizagem colaborativa depende da interação entre as pessoas no ambiente virtual. Congruentes com essa perspectiva, a interação social e o senso de pertencimento no AVA são considerados fatores essenciais para a construção colaborativa do conhecimento.

O filósofo e estudioso em Ciência da Informação, Pierre Lévy, explica sua interpretação quanto ao termo virtual. Lembra que muitos confundem e pensam que se trata de um sinônimo de algo irreal, exemplifica com uma analogia referente à semente de uma árvore. (LÉVY, 2007).

Daí Lévy (2007) explica que a semente é uma árvore em potencial, ou seja, não se concretizou ainda, pois necessita, primeiramente, ser plantada, depois regada, cultivada, para então, germinar e crescer. Assim é o conhecimento no ambiente virtual, ele existe potencialmente, no entanto, se for estimulado e todos interagirem, praticarem a interação e construirão saberes, colaborativamente, haverá desenvolvimento e, com certeza, mudanças de realidades, melhorias individuais e sociais. Para tanto, vários profissionais devem participar ativamente desse processo de aprendizagem, dentre eles, está o profissional bibliotecário.

4 ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA EM AMBIENTES EAD

As TDIC trouxeram outras possibilidades de atuação em várias profissões. Não poderia deixar de ter impactos para o bibliotecário, uma vez que, em sua formação, está dotado de competências que podem contribuir para uma atuação eficaz como participante

de equipes interdisciplinares em ambientes EaD. Ele lida com a mediação da informação e esta abrange um sentido macro, porque visa suprir as necessidades informacionais, seja qual público o bibliotecário estiver atendendo.

Um dos aspectos observados por Pereira e Assis (2010, p.2), no tocante à mediação, é que

O bibliotecário, por assim dizer, deve atuar como mediador entre as necessidades de informação e a construção de conhecimento por meio dos usuários da Educação a Distância, desenvolvendo programas de Competência em Informação como base no processo educativo ao acesso e uso das mais diversas fontes de informação disponíveis, sobretudo, nesse contexto, das fontes tecnológicas.

O bibliotecário também atua na organização dos acervos de acordo com o propósito de cada curso, focando nos assuntos específicos que interessam ao público da área a ser contemplada. Deste modo, vê-se que o bibliotecário é um profissional imprescindível para a composição de uma equipe EaD e com sua *expertise* ajudará a melhorar ainda mais a qualidade de cursos nessa modalidade e, conseqüentemente, a Educação.

Os conteúdos de cursos em EAD necessitam de revisões para que haja uma padronização. O bibliotecário, por ter conhecimentos em normalização bibliográfica, poderá contribuir para mais rapidez na recuperação da informação. Também poderá colaborar com professores conteudistas, no sentido de orientarem os docentes no que tange à questão da legislação que rege os direitos autorais.

Silva e Gallotti (2019), ao realizarem um estudo de caso na Biblioteca do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, *campus* de Natal, tendo como um dos objetivos identificar o papel que o bibliotecário ocupa dentro da equipe EaD daquela instituição, chegaram à conclusão de que o profissional atua em três macros categorias: mediação, competência e capacitação informacional, podendo ser realizadas atividades como implementação de bibliotecas virtuais, a própria normalização bibliográfica, serviços de referência *on-line*, seleção de *links*, orientações concernentes às pesquisas científicas/acadêmicas, entre outras. A segunda categoria diz respeito à formação e ao desenvolvimento de coleções. Neste item está contida a organização do material didático que irá subsidiar os cursos EaD. Já a terceira categoria aponta para as ações interagir e fornecer apoio didático, por meio das quais o bibliotecário participa ativamente de projetos relativos aos processos de EaD que abrangem o âmbito da biblioteca, bem como ocorre o entrosamento entre o profissional, a coordenação do curso e a equipe didático-pedagógico, facilitando, então,

um planejamento de cursos que congreguem para o alcance da aprendizagem significativa, crítica e reflexiva.

Como se comprova, ter o bibliotecário em equipes de EaD é bastante salutar, por várias razões aqui apresentadas, e mais uma delas está expressa nas palavras de Brito e Valls (2017, p.82-83):

Para subsidiar um curso em EaD, por exemplo, surgem novas preocupações como as questões dos direitos autorais, acesso remoto à base de dados via VPN – Virtual private network ou Rede Privada Virtual e à Biblioteca Virtual (BV). Faz-se necessária, portanto, a presença do bibliotecário nas equipes organizadoras desses cursos, para que a BV seja um produto construído conjuntamente com o planejamento do curso.

Outra atividade que o bibliotecário pode assumir na equipe de EAD é a *web* semântica, a qual, segundo Sembay (2009, p.36):

é uma das funções que o bibliotecário pode estar contribuindo dentro de uma equipe de EAD por se tratar de uma habilidade que os mesmos realizam de forma correta para as necessidades informacionais em uma organização.

A *web* semântica requer conhecimentos específicos referentes à representação e à recuperação da informação, pois não se trata apenas do simples uso da internet, porém, vai além, no sentido de se adotar a padronização de linguagens que deem respostas específicas aos usuários sobre os assuntos que eles necessitam, propiciando-os não só a revocação, mas principalmente a precisão no momento da busca pela informação.

Alvarez (2014, p.4224) ratifica: “o conhecimento dos bibliotecários no gerenciamento de metadados os tornaria importantíssimos parceiros nos grupos de desenvolvimento de padrões da Web Semântica”.

Timothy John Beners-Lee considera a *web* semântica como uma rede que carece de um cuidado mais amplo, no que diz respeito aos documentos, pois estes devem ser vistos pela ótica do que significam e também como poderão contribuir para a geração de novos conhecimentos. (LIMA; CARVALHO, 2004).

Para a compreensão do significado dos documentos, é primordial a padronização da linguagem por meio de uma indexação que trabalhe a questão da elaboração de ontologias, para que haja a compreensão do contexto informacional a ser organizado, compartilhado.

Portanto, o bibliotecário em EAD poderá colaborar para a elaboração de cursos por meio de ontologia. Tal assertiva pode ser confirmada nas palavras de Eluan (2008, p.6), quando diz que “A ontologia é o link entre os usuários e as características específicas do

material de ensino.”

Como se pode constatar, o bibliotecário, profissional dotado de habilidades e competências, exerce múltiplas funções e, concernente à EAD, sua *expertise* em gestão da informação poderá contribuir, de modo direto e significativo, com a organização de cursos e, certamente, com a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

5 ESTRUTURALISMO

O estruturalismo teve suas origens a partir dos estudos na área de linguística, realizados por Ferdinand de Saussure. Observa-se que, apesar de a palavra estrutura não ter sido citada dentro da sua obra intitulada “Curso de linguística geral”, fica claro o método a partir da sua base, que foi pautada na linguística estrutural e na semiologia dos signos, inspirando outros estudiosos a escreverem sobre a temática, mas com outro enfoque, como foi o caso de Claude Lévi-Strauss.

Saussure(2006) interpreta a linguística sob dois prismas: o primeiro diz respeito à língua e à fala, ou seja, no que tange à língua, analisa o aspecto social da linguagem, já concernente à fala, estuda a linguagem pela ótica do indivíduo. O segundo prisma traz estudos a respeito de linguagens: linguística sincrônica, que também pode ser denominada de estática, descritiva, e esta acompanha como se constrói a língua, a gramática; a outra espécie estudada é a linguística, chamada, ainda, de diacrônica, mantendo um trato mais histórico, pois observa as transformações que a língua passa durante os anos.

Percebe-se que, embora as duas se completem, Ferdinand de Saussure deixa evidente a dicotomia dos conceitos de língua e de fala. Traz, ainda, o debate quanto ao significante, que pode ser considerado como o signo que representa materialmente o objeto; porém, existe também o significado, interpretado como o que contém no significante. O autor atribui duas relações que perpassam pelos processos das linguagens: sintagmáticas (oposição de termos) e paradigmáticas (termos associados e que são disparados pela memória).

Diante do exposto, em seu “Curso de linguística geral”, Saussure (2006, p.17) define língua como:

[...] uma parte determinada, essencial, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de

convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de muitos domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

Em relação à Semiologia, Saussure (2006) lembra que, ela advém da Psicologia e o signo é naturalmente social. A semiologia torna-se atenta aos fatos humanos. Está diretamente ligada à linguística. Elenca duas concepções: primeiramente, o grande público pensa coletivamente sobre a língua, e o psicólogo tem o olhar para o sujeito.

A Semiologia leva em conta a fala e esclarece que não é coletiva, envolvendo somente o sujeito. E, em meio a esses diálogos, “salta” o entendimento quanto ao signo, o qual se relaciona com as concepções de associação e oposição.

Posteriormente, Saussure (2006) diz que a linguagem sincrônica é aquela que tem como objetivo conhecer o que as pessoas falam, e mais, verificar se uma coisa é verdadeira. É percebida em âmbito da coletividade. Outra linguagem, diacrônica, acompanha o curso do tempo, por meio de prospectiva e retrospectiva, esta caminha com a história e àquela projeta, examina o futuro.

Após o filósofo Ferdinand Saussure, Lévi-Strauss (2010, 2013, 2017) faz o estruturalismo ganhar uma nova perspectiva, de acordo não mais com a Linguística, entretanto, escolhe a Antropologia. Conforme Descola (2009), por ser, além de um antropólogo conceituado, Claude Lévi-Strauss sempre foi um estudioso em Ciências Sociais. Lia Karl Marx, Sigmund Freud, daí, pelas suas leituras, começou a elaborar construções com base no mundo manifesto. Esclarece o inconsciente para adequar o racional entre o pensamento e o mundo.

Isso significa que, o estruturalismo tenta ampliar a compreensão sobre as relações que o ser humano estabelece no ambiente em que vive e no qual interage. Sua cultura, seus costumes são elementos que passam a ser considerados e estudados. Nota-se, então, que Lévi-Strauss (2010, 2013, 2017) mesclou a Filosofia com a Etnologia, quando do momento em que decidiu não mais permanecer com suas conjecturas no âmbito do pensamento, da reflexão, mas decidiu sair a campo, ter o contato direto com as comunidades que iria estudar, “mergulhando” em suas culturas.

Tais culturas são estudadas devido ao despertar de uma de suas estruturas que possa

estar alterada, e conforme a teoria do estruturalismo, essa estrutura é representada por um fenômeno que ocorre e que foi observado. Caso algum elemento se encontre em mudança, a observação tem o intuito de, ao deparar com um fato que está acontecendo, dispor da condição para realizar uma previsão sobre a reação do conjunto que o forma.

Segundo Sousa (2012, p.8), “as estruturas são operações mentais e representam o significado da cultura”. Essa afirmação converge para o entendimento do estruturalismo enquanto a soma da teoria, que diz respeito ao pensamento, às ideias, mais a prática, campo em que se vive. Aqui é identificado um panorama onde fenômenos podem ser analisados de modo mais profundo e a experiência pode subsidiar a produção de métodos que objetivem entender a realidade social.

O parágrafo acima reforça o pensamento de Lévi-Strauss(2010, 2013, 2017), o qual encara uma estrutura juntamente ao social, formando a concepção de estrutura social, se caracterizando em um conjunto que promove relações, seja nas mais variadas sociedades, contendo semelhanças e diferenças, um exemplo simples pode ser a família. Nesses relacionamentos se dá o processo comunicacional. Alves e Melo (2013, p.207) corroboram:

A estrutura, pelo que podemos entender é composta ou se constitui dessa “comunicabilidade dos significantes”, o valor dos signos está nesta comunicabilidade, na inter-relação. [...] Assim a estrutura constitui-se um modelo como sistema de diferenças. A característica desse modelo é a sua transponibilidade de fenômeno para fenômeno e de ordens de fenômeno para ordens de fenômenos diferentes. O sentido é a constituição de caminhos para a unificação do saber e uma direção a fecundas relações entre as várias ciências humanas.

Lévi-Strauss (2010, 2013, 2017) aponta que o estruturalismo classifica a estrutura em dois modelos: o consciente e o inconsciente. Para ele, este último é mais aceitável e alega que a forma consciente reproduz algo já existente e pode, em algumas ocasiões, permitir a permanência do *status quo*. Fróes (2013, p.43) reafirma o posicionamento de Lévi-Strauss sobre sua escolha no âmbito do modelo de estrutura inconsciente:

a noção de estrutura em etnologia, o autor pretende explicar a metodologia de sua antropologia estruturalista. Num primeiro nível, está a construção de modelos que permitem descrever e explicar um grupo de fenômenos. Esses modelos podem ser conscientes ou inconscientes. A preferência é pelos últimos, já que os modelos conscientes, também considerados como “normas”, são geralmente “pobres” devido à sua função de perpetuar crenças e costumes. Para Lévi-Strauss, os modelos conscientes constituem

um obstáculo entre o observador e seu objeto, impedindo-o de captar a estrutura profunda.

Os dois autores citados, Saussure e Lévi-Strauss, foram de suma relevância para alicerçar o método estruturalista e ainda são muito atuais e importantes, pois trazem reflexões em seus questionamentos que poderão gerar novas oportunidades de melhorias na sociedade. Entretanto, vale ressaltar outros estudiosos também cruciais para o entendimento do referido modelo, os quais surgiram depois deles, pois contribuíram com novos enfoques e inseriram outras áreas do conhecimento, dentre os quais: Michel Foucault (FOUCAULT, 2008; SIMIONI, 2016), que trata dos aspectos ligados às estruturas discursivas; Jacques Lacan, médico francês que trabalhou com uma nova forma de interpretar a teoria do inconsciente, atribuindo, assim, um enfoque voltado à lógica e à linguística, sendo esta teoria primeiramente abordada por Sigmund Freud (JACQUES LACAN..., 2008); e o semiólogo francês, especialista em linguagem, Roland Barthes (SILVA, 2005; BOCCA, 2003).

5.1 Relação entre Estruturalismo e Tecnologia

Em primeira instância, a tecnologia sempre foi alvo de discussões e, pela literatura, percebe-se o quanto existe uma ambivalência em relação à sua função social. Por um lado, há quem ache que ela prejudica a humanidade, todavia, em contraponto, existem pessoas que a defendem e falam que ela é a “solução” para o planeta.

Contudo, flagram-se posicionamentos, às vezes, extremistas. Na realidade, o primordial é buscar o equilíbrio. Fundamental enxergar a tecnologia como instrumento que possa auxiliar o homem, seja em qual for a esfera, visando a uma melhor qualidade de vida. Exemplo disso são os benefícios que as tecnologias estão oferecendo à humanidade na atual conjuntura mundial, marcada pela pandemia do *coronavírus*, momento em que pessoas vivem uma fase de isolamento social enquanto esperam a vacina para erradicação da doença. Assim, dentre os benefícios destacam-se a diminuição da distância entre as famílias, amigos, colegas de trabalho, e, particularmente, o reforço sobre a importância de se continuar a estudar, como tentativa de amenizar prejuízos à área da Educação. Corroborando:

Com a pandemia, o uso do home office se tornou frequente, com videoconferências, calls, armazenamento de arquivos e integração de aplicativos no local de trabalho. Além da utilização de aplicativos para pedidos de comida, vendas e aulas online. Vários profissionais se adaptaram para o atendimento online, por exemplo, a telemedicina, que antes não era utilizada e que permite eliminar as distâncias geográficas, conectando profissionais de saúde aos pacientes por meio de vídeo consultas (DIA DA INFORMÁTICA..., 2020).

Por outro lado, há autores que veem a tecnologia como algo negativo e acreditam que ela passa alguma forma de ideologia e/ou dominação. Um deles é o filósofo, teórico e sociólogo, Jurgen Habermas, o qual afirma:

Porque a racionalidade deste tipo só se refere a correcta eleição entre estratégias, à adequada utilização de tecnologias e a permanente instauração de sistemas (em situações dadas para fins estabelecidos), ela subtrai o entrelaçamento social global de interesses em que se elegem estratégias, se utilizam tecnologias e se instauram sistemas, a uma reflexão e reconstrução racionais. Essa racionalidade estende-se, além disso, apenas às situações de emprego possível da técnica e exige, por isso, um tipo de acção que implica dominação quer sobre a natureza ou sobre a sociedade (HABERMAS, 1968, p.46).

Jurgen Habermas, em sua citação, subentende que, ao implantar uma tecnologia, flagram-se intenções implícitas que favorecerão a alguns interesses. Geralmente, há uma relação desigual, onde quem tem o domínio da situação, automaticamente, tem mais “poder”. É necessário, portanto, considerar que o sociólogo publicou as referidas concepções em 1968.

Relacionando o estruturalismo à tecnologia, o filósofo e estudioso desse método, Michel Foucault, escreve a respeito da relação de poder que há na sociedade. Explica que se trata de um paradoxo, inclusive define como sendo duas tecnologias de poder: série corpo, que são as instituições e série população, composta por mecanismos regulamentares. Neste aspecto, mesmo sendo outro paradigma do conhecimento, compreende-se um despertar dialético no estruturalismo, cuja dualidade de pensamentos está representada por aquelas duas séries.

Foucault (2005, p.299) comenta:

Por outro lado, esses dois conjuntos de mecanismos, um disciplinar, o outro regulamentador, não estão no mesmo nível. Isso lhes permite, precisamente, não se excluírem e poderem articular-se um com o outro. Pode-se mesmo dizer que, na maioria dos casos, os mecanismos disciplinares de poder e os mecanismos regulamentadores de poder,

os mecanismos disciplinares do corpo e os mecanismos regulamentadores da população, são articulados um com o outro.

Em contrapartida, a tecnologia encontra entusiastas que a defendem, não se importando com as consequências que possa acarretar ao ser humano. Isso começou a ser ainda mais acentuado a partir do pós-guerra, onde emergiram tecnologias que modificaram ainda mais a vida dos indivíduos. Por causa da sua evolução, a maioria passou a vislumbrar a tecnologia como algo que só deposita benefícios aos seres humanos. Deixando de criticar e combater seu lado prejudicial.

A sociedade, à época, acreditou piamente, e muitos não questionaram, tomando como “verdade absoluta”. Em decorrência da exacerbada admiração pela tecnologia, suscitou-se uma equação, descrita por Palacios *et al.* (2003, p.120):

A concepção clássica das relações entre ciência e tecnologia com a sociedade é uma concepção essencialista e triunfalista, que pode resumir-se em uma simples equação, o chamado “modelo linear de desenvolvimento”: + tecnologia = + riqueza = + bem-estar social.

Continuando a fala sobre a relação entre estruturalismo e tecnologia, podem ser contempladas, mais uma vez, nuances do método dialético imbricadas no estruturalismo, no sentido de uma visão antagônica na ótica de Saussure e referente à linguagem, perpassando pelos conceitos de oposição e associação. O que isso quer dizer é que existem dois lados que interpretam a tecnologia por ângulos dessemelhantes. Cada um atribui significado e significante conforme considere pertinente a sua realidade, ou seja, está ligado, ainda, à percepção individual, imbuída de significações.

Significação é uma relação significante-significado. Disso resulta uma ambiguidade da própria noção de sentido, pois, enquanto significado saussuriano, o sentido não é outra coisa senão a contrapartida do significante, separado ao mesmo tempo que ele, pelo mesmo traço de cinzéis na folha de dupla face (RICOEUR, 2000, p.192-193).

Diante da significação e de tantos conceitos que são lançados no cotidiano, é necessária atenção aos fatos, mantendo uma postura crítica, reflexiva e consciente sobre a realidade, para que se percebam os propósitos implícitos nas relações e haja a busca por mais equidade e por um mundo mais justo. Uma das maneiras para tal é incentivar a Educação crítica.

6 UM OLHAR ESTRUTURALISTA À ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA EM AMBIENTES EAD

O estruturalismo é um método importantíssimo para entender a composição dos processos técnicos e intelectuais realizados pelo bibliotecário, e em especial, dentro de ambientes EAD. A concepção de estrutura como um conjunto que apresenta suas partes, as quais se relacionam umas com as outras, e se uma delas mudar influencia e afeta as demais, pode ser identificada em atividades que envolvam, por exemplo, a indexação e itens que a compõem, como no caso da classificação, da compilação de tesouros.

Chega-se aos dias hodiernos e às tendências dentro da Educação a Distância, percebendo, então, a inserção do bibliotecário nesse contexto, o qual contribui para um dos conceitos mais debatidos na contemporaneidade, a *web* semântica, pois esse profissional tem uma formação que o permite organizar informações nos mais diversos modos e suportes, primordialmente, com o intuito de recuperá-las.

Confirma-se, aqui, o que as origens do estruturalismo e sua aplicação propõem: estudar a linguagem. Trazendo para a *web* semântica, que segundo seus idealizadores Berners-Lee; Lassila e Hendler (2001 *apud* SOUZA; ALVARENGA, 2004) “[...] não é uma *Web* separada, mas uma extensão da atual. Nela a informação é dada com um significado bem definido, permitindo melhor interação entre os computadores e as pessoas”.

O bibliotecário, ao usar a *web* semântica, precisa empregar linguagens específicas que auxiliem a busca e recuperação das informações em tempo hábil. Para tanto, mais uma vez identifica-se o estruturalismo, pois o profissional, antes de disponibilizar tais informações, necessita de linguagem cujos termos estejam estruturados. Neste sentido, ele realiza a representação do conhecimento. Sendo a representação um processo cognitivo que culmina com a representação da informação e inclui etapas, como a:

Percepção, identificação, interpretação, reflexão e codificação, etapas que são envolvidas no ato de se conhecer um novo ser ou coisa, ou aprofundar-se no conhecimento de um ser ou uma coisa já conhecida, utilizando-se dos sentidos, da emoção, da razão e da linguagem. (ALVARENGA, 2003, p.21).

No aspecto acima, identifica-se não apenas uma técnica para organizar o conhecimento, porém, nota-se mais uma vez a presença do estruturalismo, porque as relações entre cada participante do ambiente virtual ocupam um papel decisivo dentro do processo de ensino-aprendizagem. Perpassam pelo significado da informação, tanto para a máquina quanto e, principalmente, para o indivíduo.

Concernente ao significado da informação, referente à atuação do bibliotecário, outro campo importante do seu trabalho é a questão da realização de estudos de usuários, pois a partir daí, poderá conhecer ainda mais e melhor os clientes, e especificamente no caso da EAD, visa identificar quais pretensões, objetivos, razões, nível de aprendizagem das pessoas que estão participando de cursos, para que possam ser traçados perfis e sejam empregadas melhorias contínuas.

Para Vale; Mercado e Pimentel (2018, p.45-46):

A biblioteca e os profissionais da informação precisam estar preparados para atender às necessidades dos usuários da EaD que têm um perfil diferenciado. [...] É oportuno pensar em ter o bibliotecário na equipe multidisciplinar da EaD. A integração deste será útil não só porque domina as técnicas, mas também porque é o profissional que vai atender às necessidades dos usuários que buscam pela informação.

Vale; Mercado e Pimentel (2018, p.47) acrescentam mais sobre as competências do bibliotecário em EaD e afirmam que, o profissional ao dispor de “habilidades técnicas, sociais e educacionais”, ele poderá “assumir o papel de agente educativo nos AVA.”

Assim, vê-se, a partir do exposto, a ontologia, a qual pretende conhecer o ser, as coisas. A ontologia apresenta várias concepções, desde a filosófica até um instrumento que constrói a *web* semântica.

Portanto, a relação entre estruturalismo e atuação bibliotecária em ambientes EAD é ampla e confirma a visão de um conjunto que tem suas partes e todas elas estão conectadas e relacionam-se entre si.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação a Distância, apesar de muitos pensarem que é nova, na realidade existe há algum tempo, no entanto, depois da segunda guerra, devido à ascensão das tecnologias e ao surgimento da Internet, alcançou patamares significativos.

Todavia, pela literatura, percebe-se, ainda, a participação tímida do bibliotecário no contexto da Educação a Distância, sendo então, interessante que o profissional desperte para sua atuação nesse campo, porque tem a seu favor uma formação adequada e está subsidiada pelo seu objeto de trabalho, a informação, podendo enriquecer a área, exemplo disso registrado na literatura, conforme visto neste artigo, é a sua importante contribuição à *web* semântica.

Em síntese, o tema é instigante e abrangente, e se pretende escrever outros trabalhos para explorar algumas questões, como por exemplo, a visão antropológica de Lévi-Strauss sobre as relações entre os participantes do sistema de Educação a distância.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Lídia. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 15, 1 sem. 2003.
- ALVAREZ, Edgar Bisset. Bibliotecas e web semântica: análise sobre o estado deste relacionamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- ALVES, Adjair; MELO, José Roberto de. Sobre o conceito de estrutura: em que se pode reconhecer o estruturalismo? **Revista Diálogos**, [S.l.], n. 10, p. 198-223, nov. 2013.
- BEM, Vânia; SCHUELTER, Wilson; CRUZ, Dulce Márcia. **A interação da EAD é necessária?** [S.l.: s.n.], [20--]. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2003/docs/anais/TC68.htm>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- BERNERS-LEE, Tim; LASSILA, Ora; HENDLER, James. The semantic web. **Scientific American**, [S.l.], May 2001.
- BOCCA, Francisco Verardi. Roland Barthes: um semiólogo nômade. **Revista de Filosofia**, v. 15, n. 17, p. 11-27, jul./dez. 2003.
- BRANDALISE, Mary Ângela Teixeira. Tecnologias de informação e comunicação nas escolas públicas paranaenses: avaliação de uma política educacional em ação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v35/1982-6621-edur-35-e206349.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- BRITO, Regina Garcia; VALLS, Valéria Martin. O papel das bibliotecas no contexto das tecnologias digitais e novas formas de aprendizagem. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 77-110, jan./jul. 2017. Número especial.
- COELHO, Willyans Garcia; TEDESCO, Patricia Cabral de Azevedo Restelli. A percepção do outro no ambiente virtual de aprendizagem: presença social e suas implicações para educação a distância. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], v. 22, n. 70, p. 609-624, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n70/1809-449X-rbedu-22-70-00609.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- DESCOLA, Philippe. Claude Lévi-Strauss: uma apresentação. **Estudos Avançados**, [S.l.], v. 23, n. 67, p. 148-160, 2009.
- DIA da informática: a mudança de rotina durante o isolamento social e a importância da adaptação e utilização de ferramentas digitais. **Guaira News**, [S.l.], 14 ago. 2020. Disponível em: <https://www.guairanews.com/2020/08/14/dia-da-informatica-a-mudanca-de-rotina-durante-o-isolamento-social-e-a-importancia-da-adaptacao-e-utilizacao-de-ferramentas-digitais/>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- ELUAN, Andrenizia Aquino *et al.* Web semântica no ensino a distância. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 26, p. 1-10, 2º sem. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2008v13n26p162/6643>. Acesso em: 22 out. 2017.
- FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Coleção Campo Teórico). Traduzido de L'Archéologie du Savoir.

- FOUCAULT, Michael. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France: 1975-1976. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 382 p. (Coleção Tópicos).
- FRANCO, Alécia Pádua; CARMO, Renata de Oliveira Souza. Tutoria online: desafios da docência em tempos e espaços digitais. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 107-120, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/54803>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- FRÓES, Henrique. O conceito de inconsciente em Lévi-Strauss revisitado. **Pólemos**, Brasília, DF, v. 2, n. 4, p. 35-46, dez. 2013.
- GADOTTI, Moacir. **Educação brasileira contemporânea**: desafios do ensino básico. [S.l.]: Centro de Referência Paulo Freire, [20--]. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3393/1/FPF_PTPF_01_0416.pdf. Acesso em: 11 jul. 2017.
- HABERMAS, Jurgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1968.
- JACQUES Lacan, o analista da linguagem. **Nova Escola**, 1 out. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1373/jacques-lacan-o-analista-da-linguagem#>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2007. 264 p. (Coleção Trans). Título original: Cyberculture.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia cultural II**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013. (Coleção Ensaios).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução Beatriz Perrone-Moises. São Paulo: Ubu, 2017.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- LIMA, Júnio César de; CARVALHO, Cedric Luiz de. **Uma visão da web semântica**. [S.l.]: Universidade Federal de Goiás, 2004. Disponível em: http://www.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF_001-04.pdf. Acesso em: 22 out. 2017.
- LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Marcos (org.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson, 2009.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Falta de acesso à Internet causa crise profunda na educação global, diz Unicef. **ONU News**, [S.l.], 6 jun. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/06/1715942>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- PALACIOS, Eduardo Marino García (ed.) *et al.* O que é ciência, tecnologia e sociedade? *In*: PALACIOS, Eduardo Marino García (ed.) *et al.* **Introdução aos estudos CTS**: ciência, tecnologia e sociedade. [S.l.: s.n.], 2003. (Cadernos de Ibero-América).
- PALMA FILHO, João Cardoso. **A educação através dos tempos**. [S.l.]: UNESP, [20--]. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/173/1/01d06t01.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- PEREIRA, Rodrigo; ASSIS, Wanderlice da Silva. A prática biblioteconômica sob a perspectiva da educação a distância – EAD: concepções iniciais. *In*: ENCONTRO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS DO CENTRO-OESTE, 1., 2010. Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: UFG, 2010. Não paginado.
- RICOEUR, Raul. **A metáfora viva**. 2. ed. Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEMBAY, Marcio José. **Educação a distância**: bibliotecas de pólos de apoio presencial e bibliotecários. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, Gesiele Farias da; GALLOTTI, Monica Marques Carvalho. O papel da biblioteca e do bibliotecário na educação a distância: caso na Biblioteca Sebastião Názaro do Nascimento no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. **Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 89-110, jul./dez. 2019.

SILVA, Marcio Renato Pinheiro da. Lição crítica: Roland Barthes e semiologia do impasse. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 7, n. 1, p. 65-78, jan./jun. 2005.

SIMIONI, Rafael Lazzarotto. Arquivo, história e memória: possibilidades de diálogo entre Luhmann e Foucault. **Lua Nova**, São Paulo, n. 97, p. 173-191, 2016.

SOUSA, Joaquim Francisco Saraiva de. Claude Lévi-Strauss e o estruturalismo. **Desenredos**, Teresina, ano 4, n. 15, p. 1-8, out./dez. 2012. Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/15-ens-JSaraiva-LeviStrauss.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2017.

SOUZA, Renato Rocha; ALVARENGA, Lídia. A Web Semântica e suas contribuições para a ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 33, n. 1, 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1077/1176>. Acesso em: 16 jul. 2017.

VALE, Helena Cristina Pimentel do; MERCADO, Luis Paulo; PIMENTEL, Fernando Silvio Cavalcante. Condições de acesso à informação no contexto do polo de educação a distância da Universidade Aberta do Brasil. **REDOC: Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 39-68, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/redoc/article/view/30655>. Acesso em: 15 ago. 2020.

VIDAL, Eloísa Maia; MAIA, José Everardo Bessa. **Introdução à educação a distância**. [S.l.]: RDS, 2010.

WAGNER, Rosana. **Ambientação em educação a distância**. Alegrete: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, 2012. 67 p.